

A MELANCOLIA NA ARTE: UM ARTEFATO DA VIDA PÚBLICA

Luiz Cláudio da Costa

[Publicado em Leila Danziger: Todos os nomes da melancolia, Rio de Janeiro: Apicuri | Faperj, 2013.]

(...) Revendo a figura da melancolia relacionada à vida pública, Leila Danziger realiza uma atualização ainda mais singular na medida em que remete ao lugar da figura do negro na construção realizada pela história da arte dessa antiga disposição. É através do banzo, mais conhecido como a melancolia dos escravos, que Leila Danziger demonstra o viés escolhido para atualizar essa disposição de humor tão representada na História da Arte. Em *Todos os nomes da melancolia*, o banzo aparece pela referência a outra obra da história da cultura, além do carimbo, retirado da aquarela *Negra tatuada vendendo caju*, de Debret: pela “reedição” de *Banzo*, livro de contos de Coelho Neto, publicado em 1912. Ao se apropriar do livro de Coelho Neto, escritor que consta entre os mais lidos no início do século XX no país e, atualmente, um dos mais esquecidos, Danziger reconduz *Banzo* aos tempos atuais, mas não exatamente para retirá-lo do esquecimento a que foi relegado.

É interessante notar a dialética entre esquecimento e memória constante nos trabalhos da artista para compreender melhor sua “reedição” de *Banzo*. Pelo menos dois de seus trabalhos recebem títulos que apontam para esse problema: a série de jornais *Pensar em algo que será esquecido para sempre* e o livro-de-artista *Lembrar/Esquecer*, ambos de 2006. Na “reedição” do livro de Coelho Neto realizado por Danziger, a artista apaga praticamente todo o texto impresso, deixando apenas algumas palavras, o que indica o pouco interesse que a artista devota ao estilo exagerado e estetizante do autor que se preocupa excessivamente com o modo que sua ideias devem ser expostas. Como resume muito bem Mauricio Silva em artigo que compara Lima Barreto à Coelho Neto: “Não seria exagero, a esta altura, poder afirmar – sob um prisma um pouco diferente – que a oposição temática entre os dois autores se dá pelo fato bastante singular de os romances escritos por Lima Barreto poderem se enquadrar na categoria dos romances de ideias, enquanto que os de Coelho Neto estariam mais para a literatura esteticista.”¹

Para além do estilo pedante de Coelho Neto, é o objeto da tristeza do negro que parece ideologicamente fora de lugar em seu conto. Ainda que o autor maranhense discuta o tema da melancolia entre os escravos, sua narrativa constrói um elogio à escravidão. O banzo de Sabino, personagem principal do conto, não é relativo à perda de sua terra natal, a África, mas à ausência da fazenda nos tempos de escravidão. Como afirma Conceição Evaristo, há uma reversão (ou perversão) de sentidos no banzo que

acomete Sabino: “Ali se inscreve uma apologia da escravidão em contraponto com a liberdade que o ex-escravo gozava nos dias de sua velhice desamparada.”² O que interessa à artista em sua “reedição” de Coelho não é muito mais do que o título e algumas palavras do conto principal do livro. Sua rejeição ao autor maranhense parece veemente, não sendo ele salvo do esquecimento na operação de apagamento do texto impresso realizada no trabalho. (...)

¹ SILVA, Maurício. *Lima Barreto e Coelho Netto: divergências literárias da literatura brasileira na passagem do século*. In: Matraga, Revista do Instituto de Letras da Uerj, 1999, p. 12.

² EVARISTO, Conceição. Questão de pele para além da pele. In: Luiz Ruffato, *Questão de Pele: contos sobre preconceito racial*, Rio de Janeiro: Língua geral, 2012, p. 28/ 29